

# JARDINEIRO

P. Pontes

Os pecados da noite, o dia perdoa  
Madalena ou Judas, sem distinção.  
Então abres os olhos ao dia  
Puro, claro, e te levantas  
Escravo servil de um mundo estéril.

E andas, e comes, e andas de nôvo  
E passas apressado, para onde vais?  
Reparas que todos já correm na frente  
Precisas alcançá-los, ultrapassá-los:  
Em quê, pra quê, por quê?

Pára, môço:

Veja o mundo, não, a cidade, despertando,  
Sinta o cheiro do ar, virgem ainda  
(mais tarde as máquinas humanas vão possuí-lo)  
Sinta a pele em que poros abertos  
Respiram com ânsia a lembrança da noite,  
Veja a vizinha, o frescor dos cabelos  
inda molhados.

Veja o garôto, tão menino! já leva alimentos  
para meninos outros, menores;  
E veja que mãe, de barriga na frente,  
Porá outra imagem no mundo?  
E essa môça: que linda e que fresca,  
Será caixeira, garçonete, florista, prostituta?  
— o ar da manhã a iguala.

Mas não:

Caminhas depressa para junto de corpos  
em fila, que andam, que param, que sobem  
à posição geométrica do homem.

Nada vês, és máquina

Afinal precisas ganhar o pão  
Seu pão.

Não vês que o dia é penitente — está te perdoando.

A aurora é bela — e te atrái.

E caminhas  
Te fechas em salas  
e falas e fumas  
E, se olhas pra fora,  
Ê para ver um dia  
Que não vês  
Dia que não sentes.

Chega:

Precisas descobrir o mundo  
Dos poetas, dos que sonham,  
O mundo dos jardineiros.

— Ser jardineiro,  
— Ah! ser jardineiro.